

cópia
emvelope
extremis

Jornal: Jornal do Brasil (Artes Visuais)
Data: 19.03.1957
Local: Rio de Janeiro
Titulo: FRADE CEPTICO, CRIANCAS GENIAIS
Autor: Pedrosa, Mario

FRADE CEPTICO, CRIANCAS GENIAIS

Ainda para muita gente é motivo de perplexidade, senão de cepticismo, o que as crianças fazem no plano da arte. Presos a velhos preconceitos de uma época em que, para algo ser melhor ou mais belo, ou mais, sábio, era imprescindível ter sido primeiramente inferior ou rudimentar, não se conformam ou adultos em que lhes venham dizer que um menino possa fazer pintura digna de gente grande, ou que um negro analfabeto dos confins da Africa seja capaz de esculpir com a mesma mestria e força de um mestre da Grecia classica.

Eis por que são sempre cépticos, por mais disfarces que ponham nessa incredulidade, diante de uma exposição de desenhos e pinturas infantis. Essas considerações nos vinham à tona, ao lermos, outro dia, numa reportagem viva e maliciosa de Jaime Nauricio, sobre a exposição organizada pelo Museu de Arte Moderna, em Goiania, de trabalhos dos pequenos alunos do seu curso infantil a cargo de IVAN SERPA.

O colunista de Itinerario do Correio da Manhã, atribui, com efeito, ao pintor religioso Frei Nazareno Confaloni, daquela Capital, a proposito dos trabalhos ali expostos, as seguintes declarações: - "Tive a impressão de me achar na frente de desenhos tipicamente infantis, aproveitados pela esperteza de pintores e bons pintores. Se, de fato, são quadros pintados pelas crianças que os assinam, então estamos na frente de verdadeiros genios. Assim o frade põe em dúvida o que é vital, o que é unico, o que é decisivo nesse curso moderno em que os garotos vem tanto "aprender", como "revelar" e "ensinar".

Ao lado do criador da primeira escolhinha de arte no Brasil, esse admirável Augusto Rodrigues, IVAN SERPA é um pioneiro nesse campo extremamente fecundo de pedagogia moderna. Suas atividades não são de agora, pois desde 1949 que ele se entrega à doce missão de tirar da criança, brincando mais do que ensinando, conversando de igual para igual, mais do que sentenciando, apalpando um palpite mais do que julgando, as genialidades virtuais que estão dentro de todo ser em botão. Hoje, o Rio de Janeiro em peso o conhece e o preza por essas atividades. Ninguém mais duvida de sua probidade, de seu quase religioso respeito pela autenticidade da alma infantil. Aliás, como o "milagre" do genio infantil não é só sua exclusividade, está ao alcance de todos os que, como ele, seguem os mesmos processos pedagógicos de lidar com crianças têm o mesmo amor por elas e sabem que arte é uma experiência primeira no homem (nascido com os trogloditas nas cavernas da pré-história) e, com a magia, foi das primeiras manifestações do espirito humano para conhecer as estruturas do mundo exterior e devassar os mistérios da vida.

Quando as crianças crescem, entrando em definitivo no mundo dos adultos, perdem, geralmente, as suas qualidades artisticas, sobretudo no domi -

nio da expressão. Por que? Porque o comportamento do adulto é guiado por outros critérios utilitários, social e profissionalmente estratificados e convencionalizados, exclusivamente conceituais e racionais. Uma educação que hoje se reconhece, afinal, como unilateral e esterilizante arranca ao adulto a sua disposição em apreciar as coisas desinteressadamente, impondo terríveis sujeições de sua potencialidade instintiva e intuitiva a uma inteligência aferrada a critérios de pura lógica ou de exclusiva eficiência prática, e institucionaliza em cada um a suspeita por tudo quanto é sensibilidade e articulação emocional.

Já em 1951 e 52, escrevendo sobre mostras de alunos do próprio SERPA, tais como a que o Frei Nazareno viu em Goiânia com maus olhos de burguês céptico, dizíamos que o "professor" SERPA "na verdade, se considerava discípulo" dos meninos, pois "com eles aprendeu a exaltação das cores e, sobretudo, a coragem criadora de não ter medo de errar". Os meninos, quando compreendem que o adulto ali junto, com barbas ou sem barbas, apesar de titulado "professor", não toma arde de mestre-escola, mas se revela um amigo, um companheiro mais velho, desinibem-se, e a primeira manifestação dessa desinibição é a perda do sentimento que garroteia cada passo e cada pensamento dos barbados, como nós, o frade goiano e eu, isto é, o "medo de errar". A ausência deste medo abre-lhes, entretanto, a porta à genialidade.

Não se assuste, entretanto, o frade com "os genios" que viu expostos na Capital goiana. Não foram fabricados por SERPA nem por nenhum adulto, despidos da imaginação necessária para alcançar aquela expressividade simbólica universal das formas deles é um fato, sem dúvida; e por isso é que, dele partindo, podemos parodiar o primeiro manifesto do Surrealismo e proclamar: O gênio ao alcance de todo menino.

No catálogo da primeira exposição infantil organizada pelo MAM do Rio, em 1952, percebendo a perplexidade quase geral diante desses "genios" (a mesma que o Frei Nazareno sentiu agora), escrevimos: "Esses meninos todos aqui não vão continuar genios ou grandes artistas amanhã, quando alcançarem a vida adulta. Não é para isso que estão trabalhando. Mas a experiência de agora servirá onde quer que estejam amanhã, como artistas, artesãos, industriais, técnicos, doutores, não importa. Ela lhes dará um estalão precioso para julgar e apreciar sem desajustes e prejuízos, tornando-os aptos ao fazer e ao agir, ao pensar e ao sentir, com menos incoerência ou melhor sincronizados".

Não tenha reservas o frade desconfiado. "A mais autêntica finalidade desse aprendizado é mesmo ^{essa de preparar a meninada} a pensar certo, a agir com justeza, a manipular as coisas judiciosamente, a julgar pelo todo, e não unilateralmente, a apreciar com confiança e proporção, a gesticular com propriedade, a utilizar-se das mãos com precisão, a tirar alegria, não só das grandes coisas e acontecimentos da vida, como, também, dos insignificantes e pequeninos. Ah! Esses que assim se conduzem quando adultos serão artistas, mesmo que nunca mais peguem num lapis ou num pincel. Verão a vida como uma sadia ou bela obra-de-arte a preservar... e apreciarão, acima de tudo, o trabalho bem realizado, pois neste sentirão a participação carinhosa do homem, penhor do racional, a emprestar-lhe um valor estético que transcende até ao ético"; eis ainda o que escreviamos num livro, com reproduções infan-

tis, organizado por Serpa.

Por tudo isso, é lamentável e inquietador ver um sacerdote de Goiania, doublé de pintor, duro, céptico, em face da exposição de desenhos e pinturas infantis, não se rendendo à frescura da imaginação ali evidente, e, o que é pior, atribuindo-a "à es-
perteza de pintores, de bons pintores", isto é, a uma esquisita e
incompreensível vontade de mistificação por parte de um artista
consagrado como Ivan Serpa, de cumplicidade ainda mais esquisita
e incompreensível com a direção do Museu de Arte Moderna do Rio
de Janeiro. Mentalidades como a revelada pelo frade goiano consti-
tuem obstáculo, tão duro quanto à rotina acadêmica, ao desenvolvi-
mento da arte verdadeira e à aceitação do primeiro preceito da pe-
dagogia infantil atualizada - o desarmar da arrogancia do adulto
em face da criança, ser em si.

Instituto de arte contemporânea

Mário Pedrosa

FRADE CÉPTICO, CRIANÇAS GENIAIS

Ainda para muita gente é motivo de perplexidade, senão de cepticismo, o que as crianças fazem no plano da arte. Presos a velhos preconceitos de uma época em que, para algo ser melhor ou mais belo, ou mais, sábio, era imprescindível Ter sido primeiramente inferior ou rudimentar, não se conformam os adultos em que lhes venham dizer que um menino possa fazer pintura digna de gente grande, ou que um negro analfabeto dos confins da África seja capaz de esculpir com a mesma mestria e força de um mestre de Grécia clássica.

Eis por que são sempre cépticos, por mais disfarces que ponham nessa incredulidade, diante de uma exposição de desenhos e pinturas infantis. Essas considerações nos vinham à tona, ao lermos, outro dia, numa reportagem viva e maliciosa de Jayme Maurício, sobre a exposição organizada pelo Museu de Arte Moderna, em Goiânia, de trabalhos dos pequenos alunos do seu curso infantil a cargo de **Ivan Serpa**.

O colunista de Itinerário do Correio da Manhã, atribui, com efeito, ao pintor religioso Frei Nazareno Confaloni, daquela Capital, a propósito dos trabalhos ali expostos, as seguintes declarações: - "Tive a impressão de me achar na frente de desenhos tipicamente infantis, aproveitados pela esperteza de pintores e bons pintores. Se, de fato, são quadros pintados pelas crianças que os assinam, então estamos na frente de verdadeiros gênios. Assim o frade põe em dúvida o que é vital, o que é único, o que é decisivo nesse curso moderno em que os garotos vem tanto "aprender", como "revelar" e "ensinar"."

Ao lado do criador da primeira escolinha de arte no Brasil, esse admirável Augusto Rodrigues, **Ivan Serpa** é um pioneiro nesse campo extremamente fecundo de pedagogia moderna. Suas atividades não são de agora, pois desde 1949 que ele se entrega à doce missão de tirar da criança, brincando mais do que ensinando, conversando de igual para igual, mais do que julgando, as genialidades virtuais que estão dentro de todo ser em botão. Hoje, o Rio de Janeiro em peso o conhece e o preza por essas atividades. Ninguém mais duvida de sua probidade, de seu quase religioso respeito pela autenticidade da alma infantil. Aliás, como o "milagre" do gênio infantil não é só sua exclusividade, está ao alcance de todos os que, como ele, seguem os mesmos processos pedagógicos de lidar com crianças têm o mesmo amor por elas e sabem que arte é uma experiência primeira no homem (nascido com os trogloditas nas cavernas da pré-história) e, com a magia, foi das primeiras manifestações do espírito humano para conhecer as estruturas do mundo exterior e devassar os mistérios da vida.

Quando as crianças crescem, entrando em definitivo no mundo dos adultos, perdem, geralmente as suas qualidades artísticas, sobretudo no domínio da expressão. Por que? Por que o comportamento do adulto é guiado por outros critérios utilitários, social e profissionalmente estratificados e convencionalizados, exclusivamente conceituais e racionais. Uma educação que hoje se reconhece, afinal, como unilateral e esterilizante arranca ao adulto a sua disposição em apreciar as coisas desinteressadamente, impondo terríveis sujeições de sua potencialidade instintiva e intuitiva a uma inteligência aferrada a critérios de pura lógica ou de exclusiva eficiência prática, e institucionaliza em cada um a suspeita por tudo quanto é sensibilidade e articulação emocional.

Já em 1951 e 1952, escrevendo sobre mostras de alunos do próprio **Serpa**, tais como a que Frei Nazareno viu em Goiânia com maus olhos de burguês céptico, dizíamos que o "professor" **Serpa** "na verdade, se considerava discípulo" dos meninos, pois "com eles aprendeu a exaltação das cores e, sobretudo, a coragem criadora de não Ter medo de errar".

Os meninos, quando compreendem que o adulto ali junto, com barbas ou sem barbas, apesar de intitulado "professor", não toma ares de mestre-escola, mas se revela um amigo, um companheiro mais velho, desinibem-se, e a primeira manifestação dessa desinibição é a perda do sentimento que garroteia cada passo e cada pensamento dos barbados, como nós, o frade goiano e eu, isto é, o "medo de errar". A ausência deste medo abre-lhes, entretanto, a porta à genialidade.

Não se assuste, entretanto, o frade com "os gênios" que viu expostos na capital goiana. Não foram fabricados por **Serpa** nem por nenhum adulto, despidos da imaginação necessária para alcançar aquela expressividade simbólica universal das formas arquetípicas. A genialidade deles é um fato, sem dúvida; e por isso é que, dele partindo, podemos parodiar o primeiro Manifesto do Surrealismo e proclamar: o gênio ao alcance de todo menino.

No catálogo da primeira exposição infantil organizada pelo MAM do Rio, em 1952, percebendo a perplexidade quase geral diante desses "gênios" (a mesma que o Frei Nazareno sentiu agora), escrevíamos: "Esses meninos todos aqui não vão continuar gênios ou grandes artistas amanhã, quando alcançarem a vida adulta. Não é para isso que estão trabalhando. Mas a experiência de agora servirá onde quer que estejam amanhã, como artistas, artesãos, industriais, técnicos, doutores, não importa. Ela lhes dará um estalão precioso para julgar e apreciar sem desajustes e prejuízos, tornando-os aptos ao fazer e ao agir, ao pensar e ao sentir, com menos incoerência ou melhor sincronizados".

Não tenha reservas o frade desconfiado. "A mais autêntica finalidade desse aprendizado é mesmo essa de preparar a meninada a pensar certo, a agir com justeza, a manipular as coisas judiciosamente, a julgar pelo todo, e não unilateralmente, a apreciar com confiança e proporção, a gesticular com propriedade, a utilizar-se das mãos com precisão, a tirar alegria, não só das grandes coisas e acontecimentos da vida, como, também, dos insignificantes e pequeninos. Ah! Esses que assim se conduzem quando adultos serão artistas, mesmo que nunca mais peguem num lápis ou num pincel. Verão a vida como uma sadia ou bela obra-de-arte a preservar... e apreciarão, acima de tudo, o trabalho bem realizado, pois neste sentirão a participação carinhosa do homem, penhor do racional, a emprestar-lhe um valor estético que transcende até o ético"; eis ainda o que escrevíamos num livro, com reproduções infantis, organizado por **Serpa**.

Por tudo isso, é lamentável e inquietador ver um sacerdote de Goiânia, doublé de pintor, duro céptico, em face da exposição de desenhos e pinturas infantis, não se rendendo à frescura da imaginação ali evidente, e, o que é pior, atribuindo-a "à esperteza de pintores, de bons pintores", isto é, a uma esquisita e incompreensível vontade de mistificação por parte de um artista consagrado como **Ivan Serpa**, de cumplicidade ainda mais esquisita e incompreensível com a direção do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Mentalidades como a revelada pelo frade goiano constituem obstáculo, tão duro quanto à rotina acadêmica, ao desenvolvimento da arte verdadeira e à aceitação do primeiro preceito da pedagogia infantil atualizada – o desarmar da arrogância do adulto em face da criança, ser em si.